PARA MUDAR A CHINA, SEGUNDO O ESCRITOR LU XUN, 1918-1927¹

Bruno Pontes Motta²

Resumo: Lu Xun, considerado 'o pai da literatura moderna chinesa', nasceu em 1881 e morreu em 1936, um período da história da China conhecido por suas crises e instabilidades. Parte de sua reputação, que perdura ainda hoje em dia, deve-se ao seu engajamento pela restauração nacional, feito majoritariamente através da literatura. Em sua escrita ficcional, ele lançou uso de diversas alegorias e metáforas para mostrar ao leitor os problemas da China, como identificados por ele. Já em seus ensaios, ele tomou uma posição mais direta. O presente artigo se propõe a analisar Lu Xun no período entre 1918 e 1927, também conhecido como 'Quatro de Maio', pois nele podemos observar os seus principais métodos, críticas e objetivos.

Palavras-chave: Lu Xun; China Republicana; Quatro de Maio.

Abstract: Lu Xun, considered 'the father of modern chinese literature', was born in 1881 and died in 1936, a period on the history of China known by its crisis and instabilities. Part of his reputation, that still persists nowadays, is owed to his engagement for national restoration, which he did mostly through literature. In his fictional writing, he launched use of many allegories and metaphors to show to the reader the problems of China, as identified by him. Yet in his essays, he took a more direct position. The present article proposes itself to analyse Lu Xun in the period between 1918 and 1927, also known as 'May Fourth', because in it we might observe his main methods, criticisms and objectives.

Keywords: Lu Xun; Republican China; May Fourth.

1. Introdução

Lu Xun 鲁迅 (1881-1936) foi um indivíduo muito peculiar na história da China. Nascido Zhou Zhangshou 周樟寿, em uma família abastada da vila de Shaoxing (não muito distante das cidades de Hangzhou e Shanghai), o jovem Lu Xun teve uma educação clássica voltada para o serviço público, pináculo de estabilidade profissional e prestígio, como era comum entre as grandes famílias chinesas. Entretanto, aquele era um momento ímpar na história de seu país e um escândalo de corrupção levou à prisão de seu avô, grande oficial do governo imperial, à desilusão e subsequente morte de seu pai, anos depois, e a decadência de sua casa.

As dificuldades de seu momento histórico e a forma como as enfrentou tornam o seu estudo intrigante e curioso. Em cada curva de seu pensamento há uma curiosa

¹ O presente artigo foi realizado junto ao Grupo de Estudos Sobre História da Ásia (Dept. de História, UFPE) e surgiu de meu trabalho de conclusão de curso, intitulado "Destruir a Casa de Ferro": o escritor Lu Xun na China do Quatro de Maio (1918-1927"), orientado pela Prof.^a Dr.^a Christine Rufino Dabat e apresentado em janeiro de 2018.

² Graduado em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Mestrando em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Contato: Rua Faustino Porto, Boa Viagem, 51020-270, Recife-PE, Brasil. E-mail: brunomotta44@gmail.com.

resposta para as suas adversidades e há também, como não poderia deixar de constar, a presença das ansiedades particulares de sua época. Esse estímulo pessoal, da curiosidade que ele é capaz de nos provocar, poderia ser o suficiente para validar uma aproximação acadêmica sobre sua pessoa, porém, como se trata de Lu Xun, é necessário ressaltar ainda outros pontos.

A primeira vez que o nome 'Lu Xun' apareceu no mundo literário chinês foi com a publicação do conto *Diário de um Louco*, em 1918, em uma revista influente mantida por intelectuais que, como ele, desejavam a restauração da China. Chen Duxiu 陈独秀 (1880-1942), Li Dazhao 李大钊 (1888-1927), Zhou Zuoren 周作人 (1885-1967), Hu Shi 胡适(1891-1962) e Chen Hengzhe 陈衡哲 (1890-1976) figuravam dentre os colaboradores. Da lista citada, os dois primeiros foram co-fundadores do Partido Comunista Chinês - hoje o partido político que governa a nação mais populosa do mundo. O penúltimo, Hu Shi, um dos filósofos mais destacados do século XX chinês, foi idealizador de uma série de reformas na escrita, na literatura e no modelo educacional de então. A última, poeta, escritora e uma das primeiras professoras universitárias da China. Todos, de uma forma ou de outra, lecionaram na Universidade de Beijing. Assim, Lu Xun figurava como um gigante, de fato, mas um dentre muitos.

A China de sua época estava cheia de mentes criativas, pioneiras e inovadoras, mas o que esses desbravadores intelectuais, artistas, políticos e professores buscavam? Se fosse para resumir a resposta em uma palavra, diria que buscavam a mudança - substantivo que implica que tenta-se alterar, modificar ou mover algo. Por isso, é necessário falar primeiro sobre o que Lu Xun tentou mudar, para compreendermos as suas razões e os caminhos escolhidos.

Tal contextualização é, no entanto, apenas o começo. Uma das dificuldades de se estudar Lu Xun está na forma como seu nome foi fixado nos livros de história e na 'memória oficial' da China. Principalmente depois de sua morte, diversos usos foram feitos de sua imagem para atingir fins políticos específicos. David Holm³ e Merle Goldman⁴ estudaram esses usos, que atestam, no mínimo, a importância de Lu Xun para o seu país, não apenas a nível literário, mas também político e intelectual. Porém, tais

³ HOLM, David. "Lu Xun in the Period 1936-1949: The Making of a Chinese Gorki". LEE, Leo Ou-fan (Org.). **Lu Xun and His Legacy**. Los Angeles: University of California Press, 1985, pp. 153-179.

⁴ GOLDMAN, Merle. "The Political Use of Lu Xun in the Cultural Revolution and After". Leo Ou-fan Lee (Org.) **Lu Xun and His Legacy**. Op. cit., pp. 180-196.

usos significam que também existem múltiplas interpretações, anacronismos e armadilhas ideológicas no meio do caminho.

É importante ressaltar que algumas dessas armadilhas foram impostas pelo próprio autor. Essa 'construção de si', que Bonnie McDougall estudou⁵ e que se torna mais claro na medida em que nos aproximamos cronologicamente, nos escritos de Lu Xun, da consolidação de sua fama, é algo que dificulta, também, uma aproximação acadêmica sobre o escritor. Nesse caso, ocorreu o que Roger Chartier, ao trabalhar sobre a 'função-autor' de Foucault a partir de um texto de Borges, chamou de: "a absorção, a dissolução, a vampirização [...] do Eu singular por uma identidade construída do autor."

Tendo em vista tais dificuldades, a realização desse artigo, que busca falar sobre o Lu Xun histórico e não as múltiplas imagens que dele foram construídas, combinou um estudo dos seus escritos - a maioria traduzido ao inglês - auxiliado por um processo triplo: primeiro, a inserção do indivíduo em sua época, pois apenas assim é possível compreender suas angústias, influências e motivações; segundo, um estudo do que a sinologia vem dizendo sobre o autor e sua obra; e terceiro, pelo aporte teórico de como fazer uso dessas informações, ou simplesmente melhor visualizá-las. Dito isso, é inevitável trazer aspectos biográficos quando necessário.

2. A China da Casa de Ferro

Lu Xun nasceu em 1881, época em que poucos impérios europeus dominavam o mundo, direta ou indiretamente. A China de sua infância, adolescência e parte da vida adulta foi, também, um império: a orgulhosa dinastia Qing (1644-1911), de governantes sábios e guerreiros, que caiu, no entanto, flagelada por crises internas e invasões estrangeiras, em 1911. Quando publicou *Diário de um Louco*, em 1918, Lu Xun estava já em seus trinta e poucos anos e a China ainda continuava caótica - dessa vez fragmentada por domínios de senhores da guerra (*jūnfá* 军阀) e ditaduras que se disfarçavam, por autodenominação, de repúblicas.

⁵ McDOUGALL, Bonnie S. **Love-Letters and Privacy in Modern China**: The Intimate Lives of Lu Xun and Xu Guangping. Oxford: Oxford University Press, 2002.

⁶ CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. 1ª Ed. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2014, p. 30.

Além disso, foi a época da Grande Guerra e o imperialismo de países extraeuropeus, como o Japão e os EUA, tornou-se cada vez mais presente no sudeste asiático e na China. Apenas entre 1881 e 1918, para se ter uma ideia, a China foi derrotada em pelo menos três guerras contra cerca de oito potências estrangeiras - fora os conflitos pequenos que resultaram em tratados desiguais, penosos tanto política como economicamente. Internamente, em conflitos entre senhores da guerra, ou outros grupos políticos, o número certamente é bem maior - até porque a dinastia caiu nesse meio tempo.

Assim, não é de se surpreender que Lu Xun convidou os seus leitores, no prefácio de seu livro *Grito de Chamada* (*Nàhǎn* 吶喊), publicado em 1923, a visualizar a China de sua época como uma prisão: "*Imagine uma casa de ferro sem janelas e virtualmente indestrutível, com todos os seus prisioneiros em sono profundo e prestes a morrer de sufocamento.*" Sua alegoria representava uma nação enjaulada e um povo dormente. Isso foi, para responder em poucas palavras a questão levantada lá em cima, o que ele tentou mudar em seu país. Dito de outra forma, o que ele buscou fazer foi destruir a Casa de Ferro.

O título do livro, portanto, não foi escolhido à toa, remetendo a algo que, metaforicamente, ilustra o papel que Lu Xun encarregou a si mesmo nesse processo: o de realizar um grito de chamada para acordar os que dormem. Mas como um escritor, sua atuação foi muito mais no campo intelectual, literário e acadêmico do que em qualquer outro. É nesse sentido que Lu Xun estava inserido em dois contextos que marcaram os anos entre 1915 e 1927: o dos movimentos Nova Cultura (xīnwénhuà yùndòng 新文化运动) e Quatro de Maio (wǔsì yùndòng 五四运动). O primeiro teve início por volta de 1915 e contou com a presença de intelectuais e artistas que buscavam atingir seus objetivos através da educação e da literatura. Acreditavam em 'valores modernos' contrários aos da tradição chinesa e tinham como principal meio de divulgação a revista Nova Juventude (新青年 Nouvelle Jeunesse), onde Lu Xun publicou seu primeiro conto.

O segundo, por sua vez, teve um início mais espontâneo - algo que não exclui os processos anteriores, muitos dos quais vistos acima, que levaram ao seu acontecimento.

⁷ LU XUN. Preface to Call to Arms [Prefácio a Grito de Chamada, 1922]. In: LU XUN. Selected Works. Vol. 1. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. Beijing: Foreign Language Press, 1980, p. 37. As citações provenientes de textos em inglês ou francês foram traduzidas livremente pelo autor deste artigo.

De acordo com as resoluções do Tratado de Versalhes, ao fim da Primeira Guerra Mundial, os territórios e direitos coloniais que a Alemanha possuía na China deveriam ser transferidos ao Japão, algo que, para os chineses, seria o equivalente a substituir um império colonial distante por outro mais perto. Foi contra o consentimento do governo em assinar o tratado que, começando no dia quatro de maio de 1919, por três meses, estudantes, comerciantes, intelectuais e operários boicotaram produtos estrangeiros e foram às ruas protestar até que, eventualmente, o governo decidiu não assinar o tratado.

Se o Nova Cultura é reconhecido como um 'movimento de pensamento', o Quatro de Maio foi um 'movimento de ação'. Entretanto, os protestos que definiram o ano de 1919 tiveram um alcance tal que modelaram a forma de atuação dos intelectuais do Nova Cultura. Foi assim, de acordo com Joseph Tao Chen, que ambos os movimentos se fundiram:

O movimento [Quatro de Maio] ensinou aos novos intelectuais e estudantes a importância do suporte e da mobilização das massas, trazendo-os para mais perto delas do que nunca. Culturalmente, ele providenciou ao Nova Cultura uma verdadeira base nas massas. Também promoveu uma expansão adicional do Nova Cultura, eventualmente lançando dentro da China uma verdadeira nova revolução cultural com um ataque descompromissado ao tradicionalismo.⁸

E essa expansão do Nova Cultura pode ser observada, no caso de nosso escritor, no período entre 1918 e 1927, quando ele realizou praticamente toda a sua produção ficcional. Esse período é conhecido, não obstante, como Quatro de Maio e é aos efeitos culturais pós-1919 que me refiro, do qual falou Joseph Tao Chen, e não aos protestos do movimento homônimo.⁹

3. Mudar o espírito do povo

Além do anti-imperialismo, havia em Lu Xun a presença de uma forte crítica aos valores internos chineses. Parecia certo, para ele, que os 'verdadeiros' problemas da China advinham de dentro. É claro, os chineses não eram culpados pelas invasões estrangeiras e disso ele sabia. Entretanto, as razões que os impediam de reverter a

⁸ CHEN, Joseph Tao. "The May Fourth Movement Redefined". **Modern Asian Studies**, Vol. 4, N°. 1, Cambridge University Press, 1970, pp. 80-81.

⁹ Sobre o uso dos termos 'Nova Cultura' e 'Quatro de Maio', e as diversas denominações (incidente, movimento e período) para este último, ver: CHEN, Joseph Tao. "The May Fourth Movement Redefined". Op. cit., pp. 63-81. ZHANG, Yongjin. **China in the International System, 1918-20:** The Middle Kingdom at the Periphery. Nova York: Palgrave Macmillan, 1991, pp. 74-78.

situação, ou talvez até que permitiram sua consolidação, eram internas. Pelo menos foi nisso que Lu Xun e os demais intelectuais do Quatro de Maio acreditaram.

Ele teve essa realização - do verdadeiro inimigo - como estudante no exterior. Depois de ter graduado na Escola de Minas e Ferrovias, em 1902, onde entrou em contato com as ciências ocidentais, Lu Xun conseguiu uma bolsa do governo imperial para estudar no Japão, onde ficou por quase sete anos. Na época, essa era uma das opções mais cobiçadas pelos jovens intelectuais, pois os chineses foram vencidos em combate pelos japoneses, um povo que eles não levavam tão a sério, e pretendiam aprender com seus rivais como modernizar o país, para impedir futuras humilhações. Segundo Kirk Denton, "Com a derrota na Guerra Sino-Japonesa [de 1894-5], o pai de Lu Xun mandou os filhos irem ao Japão ou à Europa para estudar e, então, retornar à China para apagar a vergonha e a humilhação." Foi com esse espírito que nosso escritor foi estudar medicina, pois havia lido que "a reforma japonesa devia sua ascensão, em grande parte, à introdução da ciência médica ocidental no Japão."

Entretanto, em 1906, um ano após a Guerra Russo-Japonesa, Lu Xun viu imagens que mostravam um chinês sendo executado por tropas japonesas enquanto seus conterrâneos observavam a cena de forma apática. Não coincidentemente, o substantivo 'apatia' é uma das palavras-chave das críticas que nosso escritor realizou ao longo de sua vida - especialmente no período em que pretendemos analisá-lo. Naquele momento, Lu Xun percebeu que "enquanto a vida cultural e espiritual da China estivesse em tal caos, não haveria sentido em se preocupar com a saúde dos corpos dos chineses." Como os habitantes eram apáticos, em sua visão, era necessário primeiro acordá-los para que eles pudessem mudar a situação em que o país se encontrava. Havia, portanto, a esperança de que era possível realizar a restauração nacional, ou, em sua metáfora, destruir a Casa de Ferro.

¹⁰ DENTON, Kirk A. "Lu Xun Biography". In: Modern Chinese Literature and Culture Research Center, The Ohio State University, 2002. Disponível em http://u.osu.edu/mclc/online-series/lu-xun/ (visitado em Setembro de 2016).

¹¹ LU XUN. "Preface to Call to Arms" [Prefácio a Grito de Chamada, 1922]. LU XUN. **Selected Works**. Vol.1. Op. cit., p. 34.

¹² SPENCE, Jonathan D. Em Busca da China Moderna: quatro séculos de história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 243.

4. A sobrevivência dos chineses

Um dos grandes causadores dessa apatia - e de outros problemas como o orgulho, associado à ignorância que permite a sua existência -, não apenas para Lu Xun, mas para muitos intelectuais do Quatro de Maio, era a própria tradição chinesa. Como tal, devemos compreendê-la como o maior alvo de nosso escritor - de fato, seus ataques foram dirigidos diretamente à tradição, ou, indiretamente, ao que ele considerou como consequências dela.

Diferentemente do que indicava a experiência chinesa com os mongóis (séc. XIII) e os manchus (séc. XVII), as potências estrangeiras, com o aporte de novas tecnologias e ideologias que serviram de base para a expansão de seus impérios coloniais, não estavam interessadas na conquista, mas sim na exploração dos recursos e do mercado daquela nação tão populosa. Foi uma experiência ímpar na longa história da China. Para Lu Xun, o mundo era outro e necessitava, portanto, da substituição dos valores tradicionais confucianos por novos e modernos valores, capazes de defender os interesses e garantir a sobrevivência dos chineses.

Essa conclusão radical, que ele e muitos outros intelectuais tiveram, foi fruto de um longo processo de tentativas de restauração nacional. As primeiras ocorreram anos antes de seu nascimento e, sob o slogan Autofortalecimento (*zìqiáng* 自强), tentaram restaurar a China a partir da tecnologia ocidental. Essa medida procurou modernizar as forças armadas, mas manteve a tradição chinesa intocada. Eventualmente, foi tomada como um grande fracasso após a humilhante derrota na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-5).¹³

A derrota motivou os intelectuais a buscarem novas soluções para o mesmo problema. Assim, os anos 90 do século XIX assistiram a diversas propostas e tentativas de reformas estruturais profundas na China. Foi no auge desses movimentos que Lu Xun ingressou na Academia Militar de Jiangnan, por onde conseguiu entrar na Escola de Minas e Ferrovias que o levou, após a graduação, ao Japão. Sua constatação de que a tradição era corrupta foi posterior a esses estudos, mas fez parte de um processo histórico maior do que ele - e que, no entanto, ele ajudou a construir. Foi um exemplo

¹³ Sobre o Movimento de Autofortalecimento, ver: KUO, Ting-Yee & LIU, Kwang-Ching. Self-strengthening: the pursuit of Western technology. In: FAIRBANK, John K. (Ed.) **The Cambridge History of China**. Vol. 10: Late Ch'ing, 1800-1911, Part I. Nova York: Cambridge University Press, 1995, pp. 491-542.

vivo do que constantemente falou Fernand Braudel: sobre como fazemos a história e somos feitos por ela.

Nisso, como foi visto, Lu Xun não pode ser destacado de sua época. Para ele, não mais a tecnologia ocidental era vista como a fonte do sucesso estrangeiro contra a China. A resposta jazia no que estava por trás disso: maior participação popular, liberdade de expressão, transparência política e uma educação voltada para o 'progresso'. Apenas essas coisas e os valores que vêm com elas poderiam mudar a China. Isso significava questionar os próprios alicerces do Estado, que estavam em ruínas, e a tradição confuciana que os legitimava. Portanto, destruí-la era o único meio de salvaguardar um futuro para a China - e quando digo isso não é de forma metafórica, pois para Lu Xun, bem como aos demais participantes do Nova Cultura e do Quatro de Maio, "o confucianismo [...] não poderia ser equiparado com civilização, mas apenas com uma civilização; uma civilização, ademais, que era inadequada para assegurar a sobrevivência da China em um mundo de progresso tecnológico e de impiedosa competição."14

Até o momento, sabemos que a tradição era negativa na concepção de Lu Xun. Entretanto, não vimos os pormenores que justificaram essa negatividade. Sabemos também que ele travou sua luta a partir da literatura, mas falta-nos abordar como. Essas questões, por serem indissociáveis, serão explicadas adiante.

5. Para mudar a China

A tradição que Lu Xun criticou, o confucianismo, não era aquela dos tempos do Confúcio histórico (séc. VI a.C.). Diversas reinterpretações, muitas das quais tornadas ortodoxas, foram realizadas em cima da doutrina do mestre ao longo dos séculos. A principal delas foi feita por Zhu Xi 朱熹 (1130-1200), um intelectual muito importante da dinastia Song (960-1279). Os textos que ele selecionou para servir de base à educação chinesa, chamados Quatro Livros (sìshū 四书)¹⁵ e Cinco Clássicos (wŭjīng 五 经), ¹⁶ foram lidos por Lu Xun durante seus estudos clássicos, o que mostra o sucesso de sua interpretação.

¹⁴ BIANCO, Lucien. **Origins of the Chinese Revolution.** Londres: Oxford University Press, 1971.

¹⁵ Os Quatro Livros eram: Grande Ensinamento (Dàxué 大学); Doutrina do Meio (Zhōngyōng 中庸); Os Analetos [Diálogos de Confúcio] (Lúnyǔ 论语); e [Escritos do] Mestre Meng (Mèngzǐ 孟子).

¹⁶ Os Cinco Clássicos eram: Livro da Poesia (Shījīng 诗经); Livro da História (Shūjīng 书经); Livro dos Ritos (Lǐjì 礼记); e o Livro das Mutações (Yìjīng 易经).

Esse confucianismo de Zhu Xi incumbiu a educação de um importante papel sociocultural e político - ainda mais do que as práticas anteriores - e sua capacidade de transformação social, baseada no autodesenvolvimento humano, foi muito valorizada. Tal aposta na educação foi uma interpretação dos escritos de Mêncio (c. 372-289), filósofo antigo que acreditava na capacidade de um desenvolvimento ético humano a partir da moral. O aprendizado moral viria, no entanto, apenas com o aprimoramento da virtude (dé 德) - que, por sua vez, só poderia ser realizado a partir da benevolência, da compaixão, da lealdade e da piedade filial (xiào 孝). Foi contra a contradição entre o que esses valores supostamente representavam e como na prática eles se mostravam corruptos que Lu Xun propôs a sua substituição por 'valores modernos'. Falaremos disso mais adiante.

A educação era voltada para a realização dos concursos públicos, em especial o Exame em Oito Partes (*bāgǔwén* 八股文), que era o principal de todos os testes. Os padrões de escrita, a literatura e a educação eram baseados nesse exame. Foi utilizado dos séculos XV ao XX, tendo sido abolido ainda durante o império, em 1905. Entretanto, sua influência secular continuou presente por muitos anos. Afinal, como disse Jean Chesneaux, nesse aspecto como em muitos outros a queda do império mostrou que "a República subsistia apenas no nome e a ordem social antiga não foi abalada."¹⁷

Esse se apresentava como um problema duplo. Primeiro, em relação ao chinês clássico (wényán 文言) - algo que foi particularmente sensível a Lu Xun, como é de se esperar, visto que foi um escritor; e segundo, quanto ao sistema educativo. Os problemas em ambas essas questões tinham a mesma origem: a incrível capacidade de manutenção dessa tradição milenar.

i. A língua, a educação e a literatura

No primeiro volume de *Science and Civilisation in China*, Joseph Needham esclarece uma importante característica da escrita chinesa:

É geralmente dito que em chinês o som de uma palavra como pronunciada não tem relação com a forma com que é escrita. Isso é verdade no sentido de que o significado do caractere escrito é fixo e

¹⁷ CHESNEAUX, Jean. **L'Asie Orientale aux XIX^e et XX^e Siècles**. 1^a Ed. Paris: PUF, 1966, p. 165.

pode ser compreendido por falantes de diferentes dialetos, que podem pronunciá-lo de maneiras mutuamente incompreensíveis. ¹⁸

Historicamente - e isso pode ser traçado há milênios - os antigos governantes da China, ao enfrentarem o problema da multiplicidade de línguas que caracteriza todo império multiétnico, optaram por manter a escrita desligada da pronúncia. Anne Cheng explica a estrutura do chinês clássico:

o chinês não é uma língua flexional, na qual o papel de cada parte do discurso é determinado pelo gênero, pela marca do singular ou do plural, pela declinação, pela conjugação etc.: as relações são indicadas apenas pela posição das palavras (constituindo cada signo escrito, convém recordar, uma unidade de sentido) na sequência da frase. ¹⁹

Para diferenciar as palavras e frases o chinês clássico optou por se utilizar mais de ritmos do que de acentuações. Isso acabou incentivando uma educação voltada para a memorização (em algumas situações, mais até do que a compreensão), na medida em que era necessário saber em que ritmos ler um determinado texto que poderia ter sido escrito havia mais de mil anos. Dezenas de milhares de caracteres eram utilizados, muitos dos quais tão velhos quanto os textos mais antigos - e isso dificultava também a compreensão de seu sentido. Entretanto, como escapar disso, se os concursos públicos baseavam-se nesses textos e a educação fundamentava-se nos concursos?

Assim, todo chinês que sabia escrever era uma espécie de bilíngue. Porém, mais do que isso, era muito provavelmente uma pessoa abastada. Dificilmente um camponês conseguiria encontrar tempo e recursos para memorizar centenas de caracteres, ou compreender algum significado filosófico profundo nos textos antigos. Ademais, as características dessa educação e o fato de que todos estudavam, de forma geral, os mesmos clássicos, já que os letrados almejavam o oficialato, ajudaram a criar um grupo destacado da sociedade. Como eles eram aqueles que, via de regra, escreviam, a produção literária da China, ao menos nas últimas dinastias, tornou-se tão imersa na tradição que era praticamente incompreensível a quem estava de fora.

John King Fairbank esclarece o que foi o chinês clássico na época de Lu Xun:

No século XX, um texto e um vocabulário criados por volta de 220 a.C. ainda estavam sendo usados. Qualquer caractere mais importante transformara-se em uma espécie de cebola, com muitas camadas de significado acumuladas durante anos à medida que era usado para diferentes fins. Em uma comparação bastante simples, suponha que a

¹⁸ NEEDHAM, Joseph. **Science and Civilisation in China**. Vol. 1: Literature and Society. Londres: Cambridge University Press, 1954, pp. 32-33.

¹⁹ CHENG, Anne. **História do Pensamento Chinês**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 33.

85

idéia romana expressa pelo termo *pater* tenha chegado até nós sem modificação na sua forma escrita e que, atualmente, em combinação com outros caracteres refere-se a pai, patriotismo, paternidade, patrologia, patrimônio, patronagem etc. O significado atribuído para tal termo dependia do seu contexto, para o qual era necessário conhecer os textos clássicos. Isso fez com que a escrita clássica [...] não fosse um instrumento apropriado que estivesse prontamente à mão para auxiliar os estudantes a enfrentarem os problemas da vida; constituía em si mesma um dos problemas da vida. Sem um longo e continuado estudo dessa escrita, a pessoa era impedida de ascender a classes mais altas.²⁰

Para mudar a China, portanto, era necessário reformar a escrita, a forma de se fazer literatura e a educação. Hu Shi, filósofo mencionado no começo deste artigo e participante do Movimento Nova Cultura, foi quem primeiro propôs o caminho. Em *Propostas Preliminares para uma Reforma Literária*, publicado em 1917, ele defendeu que os chineses deveriam escrever na língua comum, com palavras da época, sem referências desnecessárias ou alusões aos antigos, com um sistema de pontuação atualizado e novas palavras incorporadas ao vocabulário. ²¹ Era a língua vernácula (*báihuà* 白话), que Lu Xun resumiu em uma palestra ministrada em Hong Kong, em 1927:

Tudo o que queremos é isso: ao invés de sobretaxar nosso cérebro para aprender a fala de homens há muito mortos, devemos usar aquela dos homens vivos. Ao invés de tratarmos a língua como um objeto excepcional, devemos escrever no vernáculo facilmente compreensível.²²

Lu Xun aplicou as ideias de Hu Shi em seus escritos, tendo publicado a primeira obra totalmente em língua vernácula - o que eventualmente lhe conquistou o título de 'pai da literatura moderna'. Para ele, "A língua antiga está morta e o vernáculo é a ponte no caminho para a reforma; pois a humanidade ainda está progredindo." Esse era o passo primordial e, talvez, mais importante para a restauração nacional. Se a educação sempre foi tão valorizada pela tradição confuciana, sua popularização tornouse a prioridade no Quatro de Maio - afinal, um povo instruído é mais forte: "Existem

Cadernos de História UFPE (CADHIST UFPE), ISSN: 2594-3766, n. 12, vol. 12, p. 75-98, Jan-Dez, 2017 http://dx.doi.org/10.29022/chufpe.issn2594-3766.2017.12.06

²⁰ FAIRBANK, John K. & GOLDMAN, Merle. China: uma nova história. Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 248.

²¹ HU SHI. **A Preliminary Discussion of Literary Reform**. Primary Source Document with Questions (DBQs). Asia for Educators, Columbia University. Disponível em: http://afe.easia.columbia.edu/ps/cup/hushi literary reform.pdf. Acessado em: 20/11/2017.

²² LU XUN. "Silent China" [China Silenciosa, 1927]. LU XUN. **Selected Works.** Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3a Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980, p. 330.

²³ LU XUN. "The Classics and the Vernacular" [Os Clássicos e o Vernáculo, 1926]. In: LU XUN. **Selected Works.** Vol. 2. Op. cit., p. 248.

apenas dois caminhos abertos para nós. Um é voltar para nossa língua clássica e morrer; o outro é deixar essa língua de lado e viver."²⁴

Quanto à educação chinesa, o que precisava ser mudado, além da questão da memorização, era o próprio conteúdo estudado. Vimos que a tradição aprimorava-se ao imergir em si mesma - algo que Marcel Granet chamou de "literatura de centões", 25 e que pode ser resumido na seguinte citação, atribuída a Confúcio: "O bom mestre é aquele que, repetindo o antigo, é capaz de encontrar aí o novo." Como tal, e devido também ao orgulho de uma civilização que se autoproclamou 'Império do Meio' (Zhōngguó 中国), o estrangeiro era desinteressante e deveria ser preferencialmente evitado. Aos mais conservadores, muitos dos quais em posições políticas de destaque, pois os valores tradicionais não caíram com a dinastia, como sabemos, houve uma resistência ao que vinha de fora. Como Lu Xun acreditou em 'valores modernos' e nas ciências para o desenvolvimento nacional, cujos métodos eram de origem estrangeira, era necessário quebrar esse estigma ao que vinha de fora.

De seus anos como estudante no Japão até a sua morte, em 1936 - o que soma 33 anos de atividade - ele traduziu cerca de 224 obras de 110 autores provenientes de 15 países. A maioria delas a partir de traduções feitas ao japonês ou de obras em alemão, já que entendia ambas as línguas. Havia nisso uma intenção. Como disse Jonathan Spence, "Para aqueles que achavam que os estudos nacionais poderiam caminhar numa direção reacionária, a tradução da literatura estrangeira parecia oferecer a melhor chance de preparar a consciência chinesa para as lutas acirradas do futuro." A tradução era, portanto, uma ferramenta política. Podemos estender isso também para sua produção ficcional e muitos de seus ensaios.

Ele traduziu com a intenção de trazer as ideias em que acreditava à China. Por essa razão, focou em autores que criticavam a autoridade, defendiam a liberdade de expressão e denunciavam a tirania das ideias, como Lord Byron, Percy Shelley, Sándor Petöfi, dentre outros. Suas referências quanto aos 'valores modernos' vinham de fora: não havia chineses em sua lista. Afinal, "se nós quisermos progresso e não regresso, nós devemos ter novas ideias próprias o tempo todo, ou ao menos novas ideias de

²⁴ LU XUN. "Silent China" [China Silenciosa, 1927]. LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 333.

²⁵ GRANET, Marcel. **O Pensamento Chinês** [1934]. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 48.

²⁶ CONFÚCIO. Diálogos de Confúcio. São Paulo: IBRASA, 1983, p. 39.

²⁷ FUYU, Chen. "Lu Xun: Practitioner and Thinker of Translation". **International Journal of Humanities and Social Science**, Vol. 2, N° 5, março de 2012, p. 148.

²⁸ SPENCE, Jonathan D. **Em Busca da China Moderna**. Op. cit., p. 298.

fora."²⁹ E como a sobrevivência da China dependia disso, ele estava pouco preocupado com a fidelidade de sua tradução, contanto que ela cumprisse o seu papel social e político. Assim, para mudar a China, era necessário trazer novos valores e tornar a educação acessível a todos.

ii. O caminho da literatura

É necessário, para prosseguirmos, definir que o que chamo aqui de literatura não se restringe apenas ao âmbito ficcional, mas também aos outros dois gêneros que Lu Xun trabalhou: o ensaio (záwén 杂文) e a tradução. Falamos um pouco desta - e do tanto que ele produziu! Ainda assim, e apesar de ser considerado por muitos como 'o pai da literatura moderna', outros tantos estudiosos defendem, como acreditava seu amigo Feng Xuefeng 冯雪峰 (1903-1976), que o grande brilho de Lu Xun reside não em sua ficção ou nas traduções que fez, mas em seus ensaios.³⁰

A literatura foi um meio de se atingir a mudança da China, algo que a colocou em uma posição similar àquela da ciência ocidental aos reformadores de outrora, como vimos anteriormente. Entretanto, se era para atingir um objetivo que visava, em seu caminho, a destruição da tradição confuciana, como método a literatura representava um dilema interno do próprio Lu Xun. De acordo com Sebastian Veg:

É, portanto, um paradoxo profundo que caracteriza a relação da literatura do 4 de maio ao saber e à política: rejeitando a ortodoxia confuciana moral como critério literário, pretende reciclar para seus próprios fins (de educação) a força pragmática e o caráter didático da literatura.³¹

Como disse Fernand Braudel, "cada 'atualidade' reúne movimentos de origem, de ritmo diferentes: [...] ao mesmo tempo, de ontem, de anteontem, de outrora."³² A educação clássica de Lu Xun e a sociedade em que cresceu fê-lo um indivíduo inseparável da tradição chinesa, enquanto, ao mesmo tempo, a conjuntura de sua época e suas experiências de vida o levaram a vê-la como um obstáculo ao desenvolvimento

²⁹ LU XUN. "Thoughts Before the Mirror" [Pensamentos Frente ao Espelho, 1925]. LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 123.

³⁰ FENG, Xuefeng. "Lu Xun: His life and works" [c.1956]. Prefácio. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol.1. Op. cit., p. 24.

³¹ VEG, Sebastian. "Quelle science pour quelle démocratie? Lu Xun et la littérature de fiction dans le mouvement du 4 mai". **Annales HSS**, março-abril de 2010, No 2, p. 350.

³² BRAUDEL, Fernand. "História e Ciências Sociais: A Longa Duração ." [1958] In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 54.

de seu país. Esse dilema, no entanto, foi algo que ele próprio identificou e as contradições de sua vida refletiram-se também em sua escrita.

Por esse motivo, pois Lu Xun sabia que havia muito da velha sociedade nele para provocar a mudança, o papel que escolheu para si foi o de mensageiro. Em *Diário de um Louco* (1918), ele narra a história de uma pessoa que enlouqueceu e passou a achar que todos de sua vila queriam devorá-lo. Certo de que havia lido em algum lugar sobre um canibalismo primitivo, o homem corre para sua casa e procura nos textos clássicos as respostas que procurava. Mas entre as palavras "Virtude Confuciana" e "Moralidade", ele encontra a expressão "comer homem", de onde conclui que, devido à tradição chinesa, o país vive em um ciclo de quatro mil anos de canibalismo.

Tentando convencer o irmão a parar de comer gente, o protagonista diz: "Se eles me comerem, podem comer você também; membros do mesmo grupo podem ainda comer uns aos outros. Mas se vocês apenas mudarem seus caminhos, mudarem imediatamente, então todos terão paz."³³ A paz só poderia vir com o abandono da prática autodestrutiva ligada à tradição. Porém, seu pedido é ignorado e lhe resta apenas a esperança - ou a certeza - de que no futuro haverá progresso e mudança.

Vocês devem mudar, mudem do fundo de seus corações! Vocês devem perceber que não haverá lugar para comedores de gente no futuro. [...] Não importa quantos de vocês existem, todos serão aniquilados pelos homens de verdade, da mesma forma que lobos são mortos por cacadores – assim como répteis!³⁴

O louco, ou 'aquele que acordou' para a realidade, sofre duplamente: primeiro, pois ele passou a ver a realidade tal como ela era: canibal, autodestrutiva, e dificilmente conseguiria se readequar a ela; e segundo, porque há tanto da velha sociedade nele que ele não seria capaz de provocar a mudança desejada. Para isso, é necessário os 'homens de verdade', aqueles que, sob valores completamente diferentes, seriam capazes de destruir o ciclo de quatro mil anos de canibalismo. Eles seriam os purificadores da sociedade, capazes de trazer à China uma nova Era de Ouro. No entanto, eles não surgiriam sozinhos e o papel daqueles que acordaram para a realidade, como Lu Xun ou o louco da história, era justamente o de instruir a nova geração. E assim termina a narrativa do louco: "Talvez existam ainda crianças que não comeram carne humana?"

³³ LU XUN. "Diary of a Madman" [Diário de um Louco, 1918]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 1. Op. cit., p. 49.

³⁴ Idem, p. 50.

Salvem as crianças..."35 Para mudar a China, segundo Lu Xun, era preciso 'acordar os que dormem'.

iii. Emancipações necessárias

Quando estudava no Japão, Lu Xun entrou em contato com a obra *Assim falou Zaratustra* (*Also sprach Zarathustra*, c.1885) e outros trechos soltos de Friedrich Nietzsche (1844-1900), que também apontam, em um discurso evolutivo, a passagem ao 'homem superior' (*Übermensch*). Ao analisar o conto *Diário de um Louco*, Sebastian Veg defende que "*Lu Xun se insere aqui na linhagem dos profetas modernistas que, seguindo Zaratustra, proclamam um novo conhecimento sobre o homem.*" 36

Uma das passagens do livro de Nietzsche, "Das três metamorfoses", ajuda-nos a compreender essa situação: "Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança." A primeira, o camelo; para Lu Xun, a nação e o povo chinês sob o jugo da tradição: "O que é pesado? Assim pergunta o espírito resistente, e se ajoelha, como um camelo, e quer ser bem carregado." Dentre eles, surge a segunda - o leão, que busca a liberdade, mas sem poder criá-la: "Criar novos valores — tampouco o leão pode fazer isso; mas criar a liberdade para nova criação — isso está no poder do leão." Apenas a terceira metamorfose - a criança - seria capaz de provocar uma mudança: "Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim." O rugido do leão, no caso de Lu Xun, foi a literatura.

Os jovens poderiam provocar a mudança porque não tinham entrado em contato com a tradição no mesmo nível que os mais velhos. Isso significava, como vimos, uma mudança na educação, pois as virtudes que o confucianismo pregava, como a piedade filial, ensinavam conformidade e obediência, não liberdade de pensamento ou de expressão. A cosmovisão dominante, em que todos deveriam cumprir os seus papéis

³⁵ Idem, p. 51.

³⁶ VEG, Sebastian. "Quelle science pour quelle démocratie? Lu Xun et la littérature de fiction dans le mouvement du 4 mai". Op. cit., p. 355.

³⁷ As citações foram retiradas de NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra** [c.1885]. Traduzido por Paulo César de Souza. Edição do Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Locais 458 até 496 da Edição do Kindle. Sobre as leituras que Lu Xun fez dessa obra: LUCHTE, James. "Daggers and Spears: Lu Xun and Nietzsche on Cultural Revolution". **The Agonist**, Vol. 9, Issue I & II, Fall 2015 – Spring 2016. Nietzsche in History: with a Special Section on Nietzsche and Chinese Thought with Guest Editor James Luchte, p. 10. POLLARD, David E. **The True Story of Lu Xun**. Hong Kong: Chinese University Press, 2003, p. 32.

sociais para o funcionamento orgânico do mundo (nesse caso, sinônimo de China), implicava que o filho que obedecesse aos pais e colocasse a família acima de si faria o mesmo a nível macro, sendo um bom súdito e colocando o país acima dos interesses pessoais.

A sociedade chinesa era composta, portanto, por "cabeças velhas sobre ombros jovens." Para ele, "A emancipação das crianças é algo tão natural que não deveria haver a necessidade de discussão, mas a geração mais velha na China tem sido, por demais, envenenada pelos velhos costumes e ideias para sequer acordar para a realidade." ³⁹

Entretanto, tão ou mais urgente era a condição da mulher chinesa. Segundo Christine Dabat:

O confucianismo regulava nos seus mínimos detalhes as atribuições, regulações, deveres e direitos de cada membro da casa e do clã. Neste sistema moral e político muito homogêneo e coerente, os sexos eram rigidamente separados e as mulheres gozavam de um estatuto, às vezes, próximo da escravidão. Sua única função reconhecida era a de reprodutora da força de trabalho (no sentido de fêmea e de doméstica) e, nas classes dominantes sobretudo, de objeto erótico. 40

As mulheres eram alvo da atadura dos pés - que buscava restringir o tamanho dos pés a cerca de 8 cm e provocava diversos problemas ósseos e musculares -, a imposição de cabelos longos, a exclusão da educação formal, a imposição da castidade (como 'virtude' confuciana), problemas físicos (agressões por parte do marido), financeiros (não possuía bens), dentre outros. Para Lu Xun, "Apenas uma sociedade onde cada um se preocupa apenas consigo mesmo e as mulheres devem permanecer castas enquanto homens são polígamos pode criar uma moralidade tão perversa, que se torna mais exigente e cruel a cada dia que passa." 41

Para ele, deveria haver igualdade de valores, oportunidades, educação e direitos entre as gerações e os sexos. Distinções e formas de autoridade de um sobre o outro - inclusive de controle corporal e de restrição da liberdade de escolha - deveriam ser, portanto, abolidas, a começar pela poligamia, a concubinagem, a atadura dos pés e os

³⁸ LU XUN. "Random Thoughts" (49) [Pensamentos Aleatórios (49), 1919]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 43.

³⁹ LU XUN. "What is required of us as fathers today" [O que é exigido de nós como pais hoje, 1919]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 57.

⁴⁰ DABAT, Christine. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949).** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006, p. 36.

⁴¹ LU XUN. "My Views On Chastity" [Meu Ponto de Vista Sobre a Castidade, de 1918]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 21.

casamentos arranjados. A igualdade de capacidades entre mulheres e homens, que Lu Xun defendeu contra aqueles que tentavam naturalizar a condição feminina inferior, encontra-se bastante evidente em *Sacrifício de Ano Novo* (1924), um conto onde a protagonista faz tudo melhor que um homem, de trabalhos domésticos a braçais, até que é forçada a casar. Todos os sofrimentos que vivencia desse momento em diante tiramlhe a força, o vigor e a vontade de viver. Com essa narrativa, Lu Xun mostra aos seus leitores que a condição das mulheres chinesas não era naturalmente determinada, como muitos homens de sua época defendiam, mas culturalmente imposta. Segundo Joan Scott:

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro.⁴²

Uma sociedade que mutila e aborta metade de sua população e inculca tais valores na sua juventude não estaria apta a sobreviver no mundo moderno. Derrubar esses valores e práticas equivaleria a derrubar a tradição. Assim, em suma,

[...] os três laços sagrados que o confucianismo consagrou como a base da organização social - a subordinação do sujeito ao soberano, do filho ao pai, da esposa ao marido - foram rejeitados pelo Movimento Quatro de Maio como responsáveis pelo despotismo prevalecente tanto na família como no Estado.⁴³

O Quatro de Maio, em especial, foi um momento onde a juventude participou politicamente de forma ativa. Os protestos de 1919 tiveram início com estudantes universitários, por exemplo. A participação cada vez mais ativa das mulheres, protagonistas de sua luta, em busca da emancipação, da asseguração de seus direitos e de melhores condições de vida foi extremamente forte durante esse período e serviu de inspiração aos anos difíceis que estavam por vir. Para mudar a China, segundo Lu Xun, era preciso emancipar os jovens e as mulheres do jugo da autoridade e da diferença e educá-los sob novos valores.

iv. O caráter nacional

⁴² SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica". Traduzido por Christine Dabat e Maria Betânia Ávila. **Cadernos de História da UFPE**. Vol, XI, No 11, Gênero e Trabalho, 2015, p. 29 Grifo meu.

⁴³ BIANCO, Lucien. **Origins of the Chinese Revolution**. Op. cit., p. 39.

Parecia, em diversos sentidos, que a China iria mudar. Certamente, para Lu Xun, isso era um sinal de que "O caminho da vida é progressivo, sempre ascendendo na infinita hipotenusa do triângulo espiritual, e nada pode obstruí-lo."⁴⁴ Essa crença no progresso e na evolução foi muito forte em sua época, pois um dos livros mais lidos na China de então, entre intelectuais como ele, foi Teoria da Evolução Natural (tiānyǎnlùn 天演论), de Yan Fu 严复 (1854-1921).⁴⁵ Outros livros com os quais Lu Xun entrou em contato - quando estudante no Japão - foram: História da Criação Natural (Natürliche Schöpfungsgeschichte, 1868) e Os Enigmas do Universo (Die Welträtsel, c.1899), de Ernst Haeckel (1834-1919).

Essas obras foram muito influenciadas pelo Darwinismo Social europeu e traziam a noção de que a evolução era imparável e de que as sociedades evoluíam diferentemente. Muitas vezes abarcada por ideias deterministas, quase essencialistas, essas obras se aproximavam das teorias de Herbert Spencer (1820-1903) e Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829), de uma 'luta pela sobrevivência' onde o mais forte subjuga o mais fraco, ou da ideia de que a evolução pode ocorrer a curto prazo. Muitas dessas teorias foram, inclusive, transpostas da 'biologia' para explicar questões socioeconômicas, tais como a competição por empregos em uma fábrica. Portanto, eram ideias muito diferentes da teoria da seleção natural de Charles Darwin (1809-1882), que defendia que a adaptação de uma determinada espécie a um ambiente (algo que poderia ser observado pelo seu sucesso reprodutivo) ocorria a partir de diversos fatores e de um longo processo de especificação, muitas vezes aleatório e seletivo, que contava com muitos riscos e sorte, inclusive para sua manutenção.

Não foram as ideias de Darwin, no entanto, que primeiro chegaram à China, mas sim as pseudociências que deturparam a teoria da seleção natural e que fortaleciam o discurso liberal e colonialista que acompanhava os navios de guerra. Para as potências coloniais, o Darwinismo Social serviu como justificativa - e legitimação - do imperialismo, sendo usado na defesa de que as sociedades europeias eram as mais evoluídas e aptas a vencer a 'luta pela existência'. Não foi, no entanto, a leitura realizada pelos chineses, que se apropriaram do discurso evolucionista e o utilizaram contra o invasor estrangeiro. No caso de Lu Xun, essas teorias serviram para identificar

-

⁴⁴ LU XUN. "Random Thoughts" (66) - The Road of Life [Pensamentos Aleatórios (66) - O Caminho da Vida, 1919]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 54.

⁴⁵ Foi uma tradução de **Evolução e Ética** (**Evolution and Ethics**, 1893), de Thomas Huxley (1825-1895), porém constava como uma obra própria, já que discordava com muitos dos argumentos de Huxley.

no imperialismo não um sinal de superioridade evolutiva, mas sim a presença de uma bestialidade primitiva (partindo da noção de que sociedades diferentes evoluíam diferentemente). Ademais, serviram também como incentivo no desenvolvimento da ideia de que o 'caráter nacional' chinês, fruto de quatro mil anos de canibalismo e da forte influência da tradição confuciana, poderia ser alterado. Para ele: "Símios antropóides, homem-macaco, homem primitivo, homem antigo, homem moderno, o homem do futuro... Se criaturas vivas podem de fato evoluir, então a natureza humana não pode permanecer inalterada." 47

Não apenas poderia ser alterado, mas deveria. Afinal, como vimos, a sobrevivência da China dependia disso. Assim, contra os que, como Hu Shi, sustentavam aspectos positivos da tradição chinesa como 'características nacionais', por fins patrióticos e identitários, Lu Xun escreveu:

Um amigo meu disse mais apropriadamente, 'se queremos preservar nossas características nacionais, precisamos ter certeza primeiro de que elas podem nos preservar.'

Certamente, autopreservação vem primeiro. Tudo o que perguntamos é se algo tem o poder de nos preservar, não se é uma característica ou não.⁴⁸

Sua maior denúncia, em relação ao caráter nacional, foi realizada na novela *A Verdadeira História de Ah Q* (1921). Como uma paródia ao estilo de biografia dos grandes homens confucianos, a história narra a vida de um personagem irrelevante - tão irrelevante que sequer sabem o seu nome e, por isso, chamam-no de 'Ah Q'. Ele é o retrato do homem fruto dos quatro mil anos de canibalismo que o protagonista de *Diário de um Louco* temia, pois representava a sociedade antiga em todas as suas características. Ah Q agia quase por instinto: trabalhava apenas quando precisava; gostava de mulheres com pés atados; era desrespeitoso e abusivo com elas; moldava-se à situação, sendo corajoso contra os fracos e covarde contra os fortes. Pior do que tudo: ele era apático frente à situação ao seu redor.

Para Lu Xun, as massas eram compostas por pessoas como Ah Q. Entretanto, o pior era quando havia gente como o caricato personagem nas rédeas do poder. Nesse caso, era a tirania dos tolos: "Eu suponho que é a tirania dos déspotas que faz os

⁴⁶ PUSEY, James Reeve. **Lu Xun and Evolution**. 1^a Ed. Nova York: State University of New York Press, 1998, pp. 78-79.

⁴⁷ LU XUN. "Literature and Sweat" [Literatura e Suor, 1927]. In: LU XUN. **Selected Works.** Vol. 2. Op. cit., p. 381.

⁴⁸ LU XUN. "Random Thoughts" (25) [Pensamentos Aleatórios (25), 1918]. In: **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 30.

homens cínicos, enquanto a tirania dos tolos os faz mais mortos do que vivos." Para mudar a China, segundo Lu Xun, era preciso extirpar os Ah Qs e derrubar os alicerces da tradição, que permitiam, ou até criavam, gente como o personagem.

6. Considerações finais

O otimismo que o Quatro de Maio alcançou terminou em desolação, ao fim dos anos 1920. A resposta de Lu Xun foi radicalizar-se a ponto de transformar o ensaio (záwén 杂文), cada vez mais satírico, em sua principal ferramenta de denúncia. Tanto durante como depois do período analisado a literatura que ele produziu foi revolucionária, segundo a categorização de Charles Laughlin, pois "Uma literatura revolucionária de verdade é uma literatura que tem efeitos sociais, afetando a consciência dos leitores, incitando controvérsia e debate, e promovendo ativismo e engajamento social." ⁵⁰

Segundo Eva Shan Chou, Lu Xun já vinha mudando a sua forma de atuação desde 1924-1925, quando, além da literatura, fundou revistas, ministrou diversas palestras e publicou mais ensaios. No entanto, dois eventos fizeram-no mudar mais rapidamente: o primeiro foi a Tragédia 18 de Março (sānyībā cǎnàn 三一八惨案), onde muitos estudantes foram brutalmente mortos pelas tropas do senhor de guerra que governava a capital Beijing - muitas eram alunas de Lu Xun no Colégio Normal de Mulheres. Sobre a tragédia, Lu Xun escreveu: "Estou sempre pronto a pensar o pior de meus compatriotas, mas não poderia conceber nem acreditar que seríamos capazes de nos curvar diante desse desprezível barbarismo." O segundo foi o começo a Guerra Civil (1927-1949) entre comunistas e nacionalistas, que resultou na desesperança de muitos que acreditavam em um futuro positivo e levou à perseguição e morte de muitos colegas de Lu Xun.

Cadernos de História UFPE (CADHIST UFPE), ISSN: 2594-3766, n. 12, vol. 12, p. 75-98, Jan-Dez, 2017 http://dx.doi.org/10.29022/chufpe.issn2594-3766.2017.12.06

⁴⁹ LU XUN. "Sudden Notions" (5) [Noções Súbitas (5), 1925]. In: LU XUN. **Selected Words**. Vol.2. Op. cit., p. 137.

⁵⁰ LAUGHLIN, Charles. "The revolutionary tradition in modern Chinese culture". In: LOUIE, Kam (Ed.) **The Cambridge Companion to Modern Chinese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 220-221.

⁵¹ CHOU, Eva Shan. "The Political Martyr in Lu Xun's Writings". **Asia Major**, Third Series, Vol. 12, No 2, 1999, p. 160.

⁵² LU XUN. "In Memory of Miss Liu Hezhen" [Em Memória à Senhorita Liu Hezhen, 1926]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Op. cit., p. 272. Ensaio bastante popular que ele escreveu sobre Liu Hezhen, uma de suas alunas que foi morta durante os protestos.

Por isso, para lidar com uma China mais aterrorizante do que nunca, era preciso radicalizar-se: "Os ensaios que restarem devem ser punhais e lanças com os quais, por meio de seus leitores, possam cortar um caminho manchado de sangue até uma nova vida."⁵³ O objetivo de mudar o seu país, no entanto, continuou. Como disse William Lyell, "Ele se afastou da escrita criativa porque tanto ele e a China haviam mudado. Seu objetivo ao longo de toda a vida foi mudar a China; todo o resto era secundário a isso."⁵⁴

O que este artigo tentou fazer foi apresentar Lu Xun, escritor e intelectual, no período do Quatro de Maio: seus motivos de atuação e seus métodos. O trabalho se restringiu ao seu momento de maior produção ficcional sem, no entanto, se ater necessariamente e apenas à ficção, pois nesse caso importava-nos mais a mensagem do que o seu veículo. O intervalo entre 1918 e 1927 abarca os principais meios, críticas, e objetivos que Lu Xun definiu para sua vida - e com os quais buscou contribuir, de sua maneira, para mudar a China, na época conturbada em que viveu. Após esse período, ou seja, a partir de 1926-1927, Lu Xun alterou algumas de suas abordagens - como o abandono da ficção e a promoção da xilogravura -, mas manteve o objetivo final de mudar a China. Afinal, segundo Lin Yü-Sheng, "Era um dever moral para Lu Xun continuar trilhando um caminho quando até mesmo ele não sabia ao certo onde aquilo o iria levar." Essa foi uma das influências de sua educação clássica: o dever moral da parte para com o todo. E se ele abandonou a ficção ao fim do Quatro de Maio, retornou a ela mais tarde, perto de sua morte.

Referências bibliográficas

BIANCO, Lucien. **Origins of the Chinese Revolution**. Londres: Oxford University Press, 1971.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a História. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRAUDEL, Fernand. "História e Ciências Sociais: A Longa Duração". In: BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 41-78.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. 1ª Ed. São Carlos: Editora da Universidade Federal de São Carlos, 2014.

Cadernos de História UFPE (CADHIST UFPE), ISSN: 2594-3766, n. 12, vol. 12, p. 75-98, Jan-Dez, 2017 http://dx.doi.org/10.29022/chufpe.issn2594-3766.2017.12.06

⁵³ LU XUN. "The Crisis of the Essay [A Crise do Ensaio", 1933]. In: LU XUN. **Selected Works**. Vol. 3. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. Beijing: Foreign Language Press, 1980, p. 343.

⁵⁴ LYELL JR., William A. **Lu Hsün's Vision of Reality**. Los Angeles: University of California Press, 1976, p. 311.

⁵⁵ LIN, Yü-Sheng. "The Morality of Mind and Immorality of Politics: Reflections on Lu Xun, the Intellectual". In: LEE, Leo Ou-fan (Org.) Lu Xun and His Legacy. Los Angeles: University of California Press, 1985, p. 126.

CHEN, Joseph Tao. "The May Fourth Movement Redefined". **Modern Asian Studies**, Vol. 4, No. 1, Cambridge University Press, 1970. pp. 63-81.

CHENG, Anne. História do Pensamento Chinês. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHESNEAUX, Jean. L'Asie Orientale aux XIX^e et XX^e Siècles. 1^a Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

CHOU, Eva Shan. "The Political Martyr in Lu Xun's Writings". **Asia Major**, Third Series, Vol. 12, No 2, 1999, pp. 139-162.

CONFÚCIO. Diálogos de Confúcio. São Paulo: IBRASA, 1983.

DABAT, Christine. **Mulheres no Movimento Revolucionário Chinês (1839-1949)**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

DENTON, Kirk A. "Lu Xun Biography". In: **Modern Chinese Literature and Culture Research Cente**r, The Ohio State University, 2002. Disponível em http://u.osu.edu/mclc/online-series/lu-xun/> (visitado em Setembro de 2016).

FAIRBANK, John K. & GOLDMAN, Merle. China: uma nova história. Porto Alegre: L&PM, 2008.

FAIRBANK, John K. (Ed.) **The Cambridge History of China**, Vol. 10: Late Ch'ing, 1800-1911, Part I. Nova York: Cambridge University Press, 1995.

FOUCAULT, Michel. "O que é um autor?" In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Vol. III, Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Organizado por Manoel Barros da Motta. Traduzido por Inês Autran Dourado Barbosa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUYU, Chen. "Lu Xun: Practitioner and Thinker of Translation". **International Journal of Humanities and Social Science**, Vol. 2, N° 5, março de 2012.

GERNET, Jacques **O Mundo Chinês**: uma civilização e uma história. Vol. 2. Lisboa: Edições Cosmos, 1975.

GRANET, Marcel. O Pensamento Chinês [1934]. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HAWKINS, Mike. Social Darwinism in European and American thought, 1860-1945: Nature as model and nature as threat. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HU SHI. **A Preliminary Discussion of Literary Reform**. Primary Source Document with Questions (DBQs). Asia for Educators, Columbia University. Acesso em: 20/11/2017. Disponível em: http://afe.easia.columbia.edu/ps/cup/hushi literary reform.pdf>

JULLIEN, François. Lu Xun Écrivain: Perspectives de L'Année 1925, Symbolisme Figurateur et Symbolisme Dénonciateur. In: Études Chinoises, 1982.

LAUGHLIN, Charles. "The revolutionary tradition in modern Chinese culture". In: LOUIE, Kam (Ed.) **The Cambridge Companion to Modern Chinese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, pp. 218-234.

LEE, Leo Ou-fan (Org.). Lu Xun and His Legacy. Los Angeles: University of California Press, 1985.

LEE, Leo Ou-fan. "Tradition and Modernity in the Writings of Lu Xun". In: LEE, Leo Ou-fan. (Org.) **Lu Xun and His Legacy**. Los Angeles: University of California Press, 1985.

LIN, Yü-Sheng. "The Morality of Mind and Immorality of Politics: Reflections on Lu Xun, the Intellectual". In: LEE, Leo Ou-fan (Org.) **Lu Xun and His Legacy**. Los Angeles: University of California Press, 1985, pp. 107-128.

LOUIE, Kam (Ed.) **The Cambridge Companion to Modern Chinese Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LUCHTE, James. "Daggers and Spears: Lu Xun and Nietzsche on Cultural Revolution". **The Agonist**, Vol. 9, Issue I & II, Fall 2015 - Spring 2016. Nietzsche in History: with a Special Section on Nietzsche and Chinese Thought with Guest Editor James Luchte, pp. 5-27.

LU HSUN. *Dawn Blossoms Plucked at Dusk* [1928]. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. Beijing: Foreign Language Press, 1976.

LU HSUN. Wild Grass [1927]. Beijing: Foreign Language Press, 1974.

LU SIN. Novelas Escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LU XUN. **Letters Between Two**: Correspondence Between Lu Xun and Xu Guangping. Traduzido por Bonnie S. McDougall. Beijing: Foreign Language Press, 2001.

LU XUN. **Selected Works.** Vol. 1. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3^a Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

LU XUN. **Selected Works**. Vol. 2. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3^a Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

LU XUN. **Selected Works**. Vol. 3. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3^a Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

LU XUN. **Selected Works.** Vol. 4. Traduzido por Yang Xianyi e Gladys Yang. 3ª Ed. Beijing: Foreign Language Press, 1980.

LU XUN. **The Real Story of Ah-Q and Other Tales of China**: The Complete Fiction of Lu Xun. Traduzido por Julia Lovell. Nova York: Penguin Classics, 2009.

LYELL JR., William A. Lu Hsün's Vision of Reality. Los Angeles: University of California Press, 1976.

McDOUGALL, Bonnie S. Love-Letters and Privacy in Modern China: The Intimate Lives of Lu Xun and Xu Guangping. Oxford: Oxford University Press, 2002.

NEEDHAM, Joseph. **Science and Civilisation in China**. Vol. 1: Literature and Society. Londres: Cambridge University Press, 1954.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra [c.1885]. Traduzido por Paulo César de Souza. Edição do Kindle. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

POLLARD, David E. **The True Story of Lu Xun**. Hong Kong: Chinese University Press, 2003.

PUSEY, James Reeve. **Lu Xun and Evolution**. 1^a Ed. Nova York: State University of New York Press, 1998.

SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica". Traduzido por Christine Dabat e Maria Betânia Ávila. **Cadernos de História**, vol. XI No 11, Recife, UFPE, 2015, pp. 10-39.

SHEN, Vincent. "Evolutionism through Chinese Eyes: Yan Fu, Ma Junwu and their translations of Darwinian Evolutionism". **ASIA Network Exchange**, Vol. 22, No 1, Fall 2014, pp. 49-60.

SPENCE, Jonathan D. **Em Busca da China Moderna**: quatro séculos de história. São Paulo: Campanhia das Letras, 1996.

VEG, Sebastian. Quelle science pour quelle démocratie? Lu Xun et la littérature de fiction dans le mouvement du 4 mai. *Annales HSS*, março-abril de 2010, N° 2, pp. 345-374.

WAN, Defu. "The History of Language Planning and Reform in China: A Critical Perspective". **Working Papers in Educational Linguistics**, Vol. 29, No. 2, pp. 65-79, 2014.

XIN, Ning. "The Lyrical and the Crisis of Modern Chinese Selfhood in Modern Chinese Literature, 1919-1949". Tese New Brunswick: Rutgers, Universidade de Nova Jersey, 2008.

YEH, Wen-hsin (Ed.). **Becoming Chinese**: Passages to Modernity and Beyond. Los Angeles: University of California Press, 2000.

YUANHAI, Zhu. Chinese National Revitalization and Social Darwinism in Lu Xun's Work. Dissertação. Department of Comparative Literature, University of Alberta, 2015.

ZHANG, Yongjin. **China in the International System, 1918-20**: The Middle Kingdom at the Periphery. Nova York: Palgrave Macmillan, 1991.